

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: Kaiapó / Geral / 260

Data: 05/06/94

Pg.: _____



Índio kayapó: adornos e miçangas no mundo todo e as terras invadidas por madeireiros e garimpeiros

ECOLOGIA

Justiça quer brancos fora da reserva

Garimpeiros e madeireiros têm 30 dias para deixar a reserva Kayapó, no Pará. A exploração de ouro e madeira está proibida pela Justiça Federal e a Funai já admite reações dos índios. Na Semana do Meio Ambiente, sob o slogan "Não faça do meio o fim", pesquisadores de três continentes se reúnem, em Belém, no Encontro Internacional Pobreza e Meio Ambiente, para formar a aliança pela vida. Página 7 e Dia-a-Dia, página 3.

Índios não querem dividir riquezas

A Funai (Fundação Nacional do Índio) começou a veicular, no dia 30 de maio, um comunicado na Rádio Nacional da Amazônia, do governo federal, para avisar que 3 mil garimpeiros e madeireiros têm 30 dias para deixar a reserva indígena Kayapó (sul do Pará). A medida atende a uma decisão do juiz Sebastião Fagundes, da 3ª Vara da Justiça Federal, em Brasília, com base em ação movida pela Procuradoria Geral da República.

Uma semana antes, o presidente da Funai, Dinarte Madeira, havia visitado cinco das sete aldeias Kayapó para conversar com as lideranças e alertá-las sobre a decisão da Justiça que mandou sustar toda e qualquer exploração de ouro e madeira em terra indígena, no sul do Estado. A Funai informou que na reserva de 3,2 milhões de hectares, ocupada por cerca de 3 mil índios, há cinco garimpos e exploração de madeira em todas as aldeias.

O administrador da Funai em Redenção (750 Km ao sul de Belém), Francisco Oliveira, disse que o presidente Dinarte Madeira pediu calma às lideranças indígenas para esperar o resultado da aprovação do novo Estatuto do Índio pelo Congresso Nacional. No dia 31 de maio, acabou o prazo para as emendas ao projeto de reformulação do Estatuto, que prevê a possibilidade de exploração de ouro e madeira em terra indígena, desde que não haja depredação do meio ambiente, como no momento ocorre.

Mais pobres

O administrador da Funai teme que o cumprimento da medida judicial não seja atendido principalmente pelas lideranças mais novas dos Kayapó. Ele disse que, em junho, com o fim do chamado período de chuvas na Amazônia, é a época propícia à atividade madeireira. "Aí aparecem os madeireiros para fazer a cabeça das lideranças mais novas", disse ele.

Segundo a Funai, os próprios índios controlam a exploração de madeira e ouro em suas terras, mas não sabem administrar o dinheiro que recebem. São considerados bastante guerreiros e temidos — em especial, porque em setembro de 1980 massacraram cerca de 20 empregados de uma fazenda próxima à aldeia.

O administrador da Funai diz que é falsa a ideia de que os Kayapó são os índios mais ricos do país porque têm aldeias com casa de alvenaria, antenas parabólicas, água encanada e energia elétrica — e, além disso, os líderes destilam em camionetas de luxo dadas pelos madeireiros pelas ruas de Redenção e Tucumã.



(as duas maiores cidades vizinhas à reserva).

Segundo Oliveira, "hoje, uns poucos têm algumas coisas, mas a grande maioria ficou mais pobre do que há dez anos quando começou a exploração de ouro e madeira nas terras indígenas".

Culpa dos brancos

Os principais líderes Kayapó jogam no governo dos brancos a culpa pela entrada de madeireiros e garimpeiros nas terras indígenas. No início da década de 80, o governo, através do DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral) e da CEF (Caixa Econômica Federal) estimularam a criação do garimpo de Maria Bonita, próximo à maior aldeia da reserva, a dos Gorotiire. "Foi o governo que colocou os garimpeiros lá. Nós quisemos tirar eles, mas não deixaram", afirma o cacique Kube-I.

Outra liderança dos Gorotiire, o filho de cacique e vereador em Tucumã, Tapié Kayapó, afirma que agora é tarde demais para impedir que os índios usufruam da exploração de ouro e madeira. Ele defende a suspensão da exploração nas terras indígenas, desde que o governo gere outra alternativa para a sobrevivência das aldeias.

Para o administrador Francisco Oliveira, a exploração dos recursos deve parar a qualquer custo. "A cada ano que passa os índios estão cada vez mais envidados no comércio de Redenção e nunca conseguem pagar suas contas. Tem que fazer cada vez mais novos contratos", disse ele.

Ecologia

Apesar de considerados como vilões da natureza por permitirem a exploração de ouro e ma-

deira em suas terras, os índios Kayapó também desenvolvem negócios ecológicos com a fábrica de cosméticos Body Shop, da Inglaterra. Desde 1991, eles produzem óleo de castanha para fabricação de shampoo e, a partir de 1993, passaram a confeccionar adornos de miçangas.

Desde setembro de 1993, os índios Kayapó da aldeia Aukre (sul do Pará) contam com uma empresa exportadora de óleo de castanha, a Aukre Trade Company. Nas aldeias Pukanu, Kobenkore, Kapoto, Cachoeira e Aukre, as mulheres indígenas produzem pulseiras de miçangas. Ambos produtos — o óleo e as pulseiras — são exportadas e vendidos no exterior na rede de 750 lojas que a Body Shop tem em 41 países.

Segundo a jornalista Jucélia Mallas, da Body Shop, a produção do óleo de castanha e pulseiras de miçangas integram o projeto "Trade Not Aid" (Comércio sem caridade), é uma espécie de "capitalismo ecológico", desenvolvido pela empresa junto às comunidades pobres, indígenas ou não, na Ásia e nas Américas.

Ela afirma que o escândalo nacional e internacional do caso do cacique Paulinho Pulakan, acusado de estupro de uma estudante, em 31 de maio de 1992, não prejudicou os negócios dos Kayapó no exterior. Consultora da Body Shop, ela diz que a exploração de madeira e ouro só pode se tornar um negócio não agressivo ao meio ambiente se for executado pelos próprios índios com orientação técnica adequada.